

A DOUTRINA DAIMISTA, CATOLICISMO POPULAR E PAJELANÇA

Sempre que se instala a discussão sobre supostas e eventuais influências do catolicismo popular e das pajelanças amazônicas na formulação, conformação e vivência da doutrina daimista, tal como estabelecida por mestre Raimundo Irineu Serra, aí reside um foco de grande importância para uma mais plena compreensão da doutrina.

Pois, de um mais detido estudo deste tema deriva parte muito importante da possibilidade de compreensão da originalidade da doutrina daimista, razão da necessidade de fidelidade a ela e não a “mesclas de doutrinas”, e da grande importância de sua existência como manifestação religiosa cristã legítima e pouco comum em nosso País, aspecto essencial que termina se perdendo quando ela é vista como equivalente a outros sincretismos religiosos e mesmo a manifestações mais populares de religiosidade.

Em outras palavras, a insistente tentativa de classificar a doutrina daimista como apenas mais uma, entre as muitas doutrinas e formas de serviço espiritual existentes hoje em dia no Brasil, obscurece o fato de que ela foi verdadeiramente original em sua formulação doutrinária e que compôs um culto mariano de caráter essencialmente cristão, como poucos existiram em nosso país, razão pela qual não pode e nem deve ser mesclada a outras doutrinas ou religiões, já que com isso se compromete parte fundamental de sua identidade espiritual própria.

Em meu entender, a primeira baliza necessária é compreender que a doutrina daimista, tal como expressa nos hinos e nos rituais estabelecidos por mestre Irineu, revelou-se em meio a uma comunidade intensamente conformada em seu cotidiano – *ela, a comunidade, sim!* – por práticas de catolicismo popular e de pajelança.

Então, a formulação da doutrina ocorreu dentro da comunidade e de suas práticas, mas para uma melhor percepção do que seja a doutrina daimista é necessário fazer uma separação cuidadosa entre o que era “a doutrina” e o que era apenas o atendimento às práticas então presentes naquela comunidade e vivas até hoje.

Porque ainda agora, na verdade, mesmo em meio a daimistas mais antigos, há a predominância de manifestações pessoais associadas a tais práticas próprias do catolicismo popular e da pajelança, o que ecoa e mantém o viés de percepção do que seja a doutrina daimista tal qual revelada por mestre Irineu.

Assim, devoção pessoal a santos e objetos de culto ou adesão a romarias e novenas, de um lado, ou busca de cura física e de resolução “mágica” de problemas cotidianos (afetivos, familiares, financeiros ou profissionais), por intercessão de “espíritos benfazejos”, de outro lado – tudo isso existia e ainda existe, embora não componha a doutrina que se revela nos hinos e em seus principais rituais.

A bem de uma mais perfeita compreensão, então, delimitarei o que se entende, segundo algumas fontes, por pajelança e catolicismo popular¹.

Pajelança – Segundo trabalho do Prof. Dr. Raymundo Heraldo Maués² e de Gisela Macambira Villacorta³, antropólogos da Universidade Federal do Pará, “a *crença fundamental da pajelança cabocla reside na figura dos encantados [ou caruanas] (...) seres que são normalmente invisíveis às pessoas comuns e habitam 'no fundo', isto é, numa região abaixo da superfície terrestre, subterrânea ou subaquática, conhecida como o 'encante' (...)* Ao lado das concepções e crenças sobre os encantados, que são básicas na pajelança cabocla amazônica, é preciso também entender a figura do pajé, que é o sacerdote inspirado que serve de instrumento para a ação dos encantados, quando essas entidades passam a atuar no mundo dos homens comuns para exercer a sua influência sobretudo como agentes de cura de doenças”.

Deve ser lembrado, contudo, que o termo “cura” é extremamente abrangente em todas as práticas de pajelança e mesmo de curandeirismo popular, envolvendo desde problemas orgânicos até mal-estares de ordem emocional e mesmo circunstâncias desafiadoras no cotidiano, como “azar no trabalho” ou “problemas de relacionamento social”.

Seguindo com os mesmos autores, “a primeira questão importante é a de saber como se dá o processo de formação do pajé. (...) O pajé (...) tem uma 'carreira' muito semelhante ao que é classicamente descrito em relação aos xamãs em várias partes do mundo: um período de crise de vida, em que sofre incorporações descontroladas de espíritos (...), devendo submeter-se a tratamento com um pajé experiente (um 'mestre'), que irá afastar os espíritos (...), treinando o noviço para que ele possa controlar as incorporações, a fim de que elas ocorram somente em ocasiões e lugares determinados. Ao mesmo tempo ensina-lhe os mitos, as técnicas, o conhecimento dos remédios, as orações etc. de sua arte. Ao final do período de treinamento, o novo pajé é 'encruzado' numa cerimônia imponente, em que deve morrer simbolicamente para renascer como xamã. A partir daí estará pronto para tratar seus próprios doentes e até formar seus próprios discípulos. Mas nunca se cura inteiramente da 'doença' (chamada de 'corrente do fundo') que o acometeu: ele terá que manter permanentemente certos tabus alimentares, sexuais e de outros tipos, bem como 'chamar' regularmente suas entidades, dedicando-se, permanentemente, à prática da 'caridade', isto é, à cura das doenças, sem procurar fugir de suas 'obrigações', sob pena de ser castigado por seus próprios caruanas”.

Paremos por aqui um pouco.

Nada disso se encontra na doutrina daimista, quer em sua história formativa, quer em seu conteúdo explicitado em hinos e rituais!

1 Este texto se baseia em poucas fontes, dada a não necessidade de aprofundamento acadêmico de questões; todavia, se necessário, poderá ser enriquecido de modo mais minucioso.

2 UFPA – Universidade Federal do Pará (Pesquisador do CNPq).

3 Mestra em Antropologia da UFPA – Universidade Federal do Pará (Bolsista da CAPES).

A crença fundamental da doutrina daimista é na Santíssima Trindade – Deus Pai, seu Filho Jesus Cristo e o Espírito Santo – e, não, em entidades que vivam em “submundos” ou mundos paralelos, embora se admita a existência de tais entidades e a oportunidade (com ou sem proveito) de conhecê-las.

Como João Pereira canta:

*“Deus, quando veio ao mundo,
Ele veio para nos remir
pelo amor que Ele tem
a todos seus Vossos filhos.
Deus, quando veio ao mundo
para curar e salvar,
ensinar a Santa Doutrina
àqueles que procurar”.*

Ou como mestre Irineu canta:

*“De longe, eu venho de longe,
das ondas do mar sagrado,
para conhecer os poderes
da floresta e a Deus amar”.*

Conhecer os “*poderes da floresta*”, sim, mas amar Deus e não a eles!

O propósito central da doutrina daimista é a salvação, com fé em que, pedindo e rogando, se possa receber a graça divina, se merecê-la, e não o propósito de buscar atuar de modo mágico sobre a realidade por meio de entidades incorporadas por algum dirigente.

Como seu Antonio Gomes canta:

*“Feliz de quem se conforma,
sempre o chefe está dizendo,
que o Divino é soberano
e sabe o que está fazendo”.*

Pois, ouvindo mestre Irineu:

*“não pense em fazer o que tu queres,
que Deus é o nosso pai”.*

A ritualística principal da doutrina é composta por concentrações quinzenais e por esparsos serviços de louvação, os “bailados”, e não por serviços espirituais realizados apenas se e quando necessário, com vistas a “curar” algum irmão ou irmã – embora eles também possam ocorrer; todavia, se e quando ocorrem, uma vez mais é apenas por meio de pedidos e rogos silenciosos, para que a Graça possa interceder, se for do merecimento do irmão ou irmã.

Como dona Maria Damião canta:

*“Eu vivo nesta irmandade
como uma irmã desvalida.
Pedindo e rogando
a Deus por minha vida”.*

Até mesmo o início da revelação da doutrina a mestre Irineu, e dele para a irmandade que em torno a ele se formou, se deu de forma distinta do verificado na “formação” de um pajé: ele não estava sofrendo nenhum problema, não incorporava sem controle, não teve “mestre” treinador algum: ele foi apresentado à *ayahuasca* por André e Antonio Costa e, a partir daí, seu caminho foi solitário até dar início aos serviços espirituais da doutrina, muitos anos após.

O próprio processo de revelação foi solitário (“na mata”), por meio de “aparições privadas” de Maria, como são qualificadas pela Mariologia, ramo da Teologia católica que estuda especificamente a pessoa de Maria, Mãe de Deus.

Como mestre Irineu canta:

*“Esta luz é da floresta,
que ninguém não conhecia.
Quem veio me entregar
foi a sempre virgem Maria.
Quando ela me entregou
eu gravei no coração,
para replantar santa doutrina
e ensinar aos meus irmãos”.*

Até o aspecto do livre-arbítrio, que é violentado pela obrigatoriedade de manter obediência às atribuições “impostas pelas entidades”, como registram os autores (e é tão contraditória na umbanda, cujas entidades “castigam” os “cavalos” que não as “obedecem”...), não tem paralelo na doutrina daimista, na qual o próprio mestre Irineu canta ter pensado em renunciar à sua missão, para ser lembrado que ninguém deve ser obrigado a nada (pois o mérito reside na escolha e no compromisso):

*“Eu entrei em conferência
para deixar de ensinar.
A Virgem Mãe me disse
ninguém não pode obrigar”.*

Por fim, no que respeita a “dietas” ou “jejuns”, embora no processo inicial de revelação da doutrina tal fato tenha ocorrido, isso foi mantido apenas em relação ao período preparatório dos principais rituais doutrinários, entre eles o feito.

No cotidiano, porém, não há e nunca houve prescrição alguma de “*tabus alimentares, sexuais ou de outros tipos*”.

Como exemplo, relata seu Daniel Serra, sobrinho que com ele viveu quase quinze anos, referindo-se a jejuns antes de serviços espirituais: “*Ele dizia: ‘você não pode fazer dieta de comida, você trabalha muito, derrama muito suor, tem de estar forte, tem de se alimentar muito bem’. Às vezes titio dizia: ‘eu vou fazer dieta hoje, vai ter um serviço e desta vez eu vou passar só nessa comida’. Eu dizia: ‘eu vou fazer como o senhor’. Ele dizia: ‘não, pode te alimentar à vontade’.*”

Catolicismo popular – Mas avançam estes autores: “*a pajelança cabocla é também influenciada pelo cristianismo e pelas crenças e práticas de origem africana, assim como por concepções e lendas de origem européia (não necessariamente ligadas originalmente ao cristianismo). Os pajés, entretanto, de modo geral consideram suas*

crenças e práticas como parte integrante do catolicismo que praticam, não se considerando como os sacerdotes de um novo culto, ou um culto concorrente do catolicismo. Um deles, o principal pajé de Itapuá [local de pesquisa dos autores], na época em que um de nós fez trabalho de campo nessa ilha (1975-76), dizia que, apesar da incompreensão dos sacerdotes católicos, a pajelança tinha sido uma arte deixada na terra por Jesus Cristo, que também curava os doentes de seu tempo como hoje fazem os curadores caboclos".

Pode parecer estranho que um pajé, que experimenta a espiritualidade a partir de premissas e sistemas de crenças radicalmente diferentes daqueles encontrados no cristianismo, afirme tal possibilidade: *"a pajelança tinha sido uma arte deixada na terra por Jesus Cristo, que também curava os doentes de seu tempo"*.

É que as influências do catolicismo sobre o imaginário popular são muito intensas, já que tiveram início no Século XVI, com as primeiras levas de portugueses, e desde lá se mantiveram, terminando por permear praticamente todas as manifestações brasileiras de religiosidade e culto.

Neste sentido, extraio um longo trecho de artigo bastante extenso, de autoria de Gilberto Paiva e publicado no site www.redemptor.com.br, da comunidade que administra hoje em dia o santuário de Aparecida do Norte.

"O dado sociológico é apenas um elemento para a compreensão do tema em questão (...) O catolicismo popular é nitidamente leigo em sua organização e liderança (...) Somado a isso, acrescenta-se o profundo isolamento social da vida rural, em que estava a maior parte da população. Assim, as festas religiosas lideradas por leigos eram uma forma típica de reunião social. As devoções eram sinceras e muito difundidas (...) A existência quotidiana corria monótona, sombria e árdua. Diversões profanas eram raríssimas e muitas delas, como os escassos espetáculos teatrais, não escapavam, perante certos julgamentos, da suspeita de pecaminosas. As cerimônias religiosas, com a pompa litúrgica, a música sacra, o concurso do povo, a exaltação espiritual que excitavam e o aparato de que se cercavam quebravam a mesmice da rotina diária. Num deserto de emoções, eram genuínos oásis, proporcionando ensejos de expansão. Representavam as principais, e para muita gente as únicas distrações a aliviar o peso da monotonia das obrigações (...) O catolicismo como religião do povo foi também o espaço das manifestações culturais intrínsecas na vida desse povo religioso. Eram manifestações religiosas e culturais, vivenciadas a partir da miscigenação racial (...) Tantas vezes a exteriorização dessas devoções ganhou caráter especial, reforçando a vida comunitária, baseada na fé católica, a esperança desse povo interiorano e pobre do Brasil! Falar de catolicismo popular é buscar entender o jeito que o povo encontrou, mesmo longe das cúrias quase inexistentes, para perseverar na fé".

Neste amplo cenário se entende o predomínio do leigo (homem ou mulher) sobre o especialista (profissional da igreja), assim como a tentativa de manipulação (mágica) do sagrado com finalidades pragmáticas ("para resolver problemas") e o caráter essencialmente "protetor" do catolicismo popular, pela oferta de uma segurança adicional ao esforço material diário pela sobrevivência.

(Entende-se por "tentativa de manipulação do sagrado" a prática comezinha de atrair a benevolência divina por meio de "ofertas", como se a Graça fosse corruptível ou "passível de barganha".)

Em outras palavras, e a despeito de nele se louvar Jesus Cristo ou Maria, e não encantados ou entidades da natureza, no catolicismo popular se encontram traços muito semelhantes aos encontrados nas práticas de pajelança, as quais também se propõem a manipular o sagrado para "resolver problemas" e, assim, aumentar a "segurança" sentida pelos integrantes do grupo, donde a facilidade de "fusão" entre estes diferentes sistemas de crenças.

Por isso, continua Gilberto Paiva, "*religiosidade (...) que buscava intermediários bem próximos e sensíveis para o relacionamento com o sobrenatural, o divino, o sentido como facilmente acessível, servindo-se de imagens, fitas, medalhas, rosários, bentinhos, patuás, benzeções. Convivia com a misteriosa presença de almas do outro mundo, num misto de respeito, piedade e medo; protegia-se com rituais que garantiam proteção contra doenças, animais peçonhentos, mau-olhado, quebranto, feitiço. Contra inimigos havia orações bravas, que não eram para ser rezadas, mas levadas ao pescoço, em bentinhos ou patuás, ou pregadas atrás das portas das casas*".

Donde o imenso conjunto de objetos (entre eles a santaria) e de datas de culto (novenas, procissões e romarias a santuários), conforme o perfil pessoal ou o sistema individual de crenças de cada "fiel", incluindo-se aí as "penitências" purgatoriais ou de remissão (perdão dos pecados).

Santos de devoção, oratórios familiares ou públicos, procissões ou romarias a capelas (pequenos povoados) ou santuários (grandes massas de população), uso maciço de gestos e adereços ritualísticos, todos estes elementos caracterizam externamente o catolicismo popular, assim como a crença em obter proteção para aspectos do dia-a-dia e na satisfação de necessidades (as quais, muitas vezes, nem necessidades são: são apenas desejos pessoais!).

Então, o que disto se encontra na doutrina daimista, se levarmos em conta o ensinado pelos hinos e o explicitado pelos rituais?

Nada, ao menos como mestre Irineu ensinava!

Exceção feita à Virgem Maria, a Jesus Cristo e a Deus Pai, não se implora a ninguém; a despeito de haver "farda" (uniforme) de serviço, nada há de adereços "protetores" ou laudatórios. Exceção feita ao comparecimento à sede de serviços nos dias de serviço espiritual (concentrações e alguns poucos serviços "bailados"), não há calendário de novenas, romarias ou procissões. Além do cruzeiro e do rosário na mesa de serviço, nada se vê de santos devocionais ou objetos de culto. Por fim, embora haja "jejuns" rituais, isto não é penitência nem busca de remissão de pecados, mas, sim, preparação de si mesmo para momentos de louvor e serviço a Deus.

As raízes da má percepção – Todavia, praticamente todas as teses sobre o "santo daime" (de Mestrado e Doutorado) incorrem no mesmo erro de análise, ao supor – e afirmar – que a doutrina daimista sofreu influências do catolicismo popular e das práticas de pajelança.

A que isto se deve? Teriam todos errado?

Em meu entender, sim, senão todos os que escreveram, todos aqueles cujo trabalho eu conheço e são mais amplamente conhecidos.

Tomando por base o que se cria e praticava no CEFLURIS – CENTRO ECLÉTICO DA FLUENTE LUZ UNIVERSAL RAIMUNDO IRINEU SERRA desde 1975, dada a presença maciça desta instituição no cenário daimista brasileiro⁴, tais estudiosos nela se informaram e por ela terminaram atribuindo à doutrina daimista o que só passou a existir sob a liderança de Sebastião Mota de Melo, o “padrinho Sebastião” ou “velho Mota”: a mescla indistinta de doutrinas e práticas religiosas, o uso de hábitos do catolicismo popular e a adoção de princípios de crença próprios da pajelança.

Vejamos, um a um, começando por este último.

O que se conta sobre o processo de “iniciação” do velho Mota? Segundo os registros históricos, inúmeros do próprio Cefluris, ele sofria havia muito de um problema no sistema digestivo, após trabalhar por anos a fio com incorporação de entidades para atender a pessoas e ter interrompido o trabalho. Então, em sua primeira vez na qual tomou daime das mãos de mestre Irineu, viu “seres” submetendo-o a um tipo de “cirurgia espiritual”, com a retirada de outros “seres” que “roubavam sua saúde” e foram percebidos como insetos que habitavam seu interior, fazendo-o sofrer.

Nesta “cirurgia”, ele teve seu “esqueleto separado de suas carnes”, “para uma mais perfeita cura”, e daí por diante nunca mais sofreu deste mal.

Tal episódio é símile perfeito de inúmeras descrições obtidas por antropólogos em diferentes sistemas de pajelança e sempre foi alardeado pelo CEFLURIS como modelo de cura a ser perseguido, passando a parecer (para estudiosos e o público em geral) integrar a doutrina daimista.

Assim, se o velho Mota foi “curado” por um experiente em pajelança (supostamente mestre Irineu), mais adiante passou-se a se afirmar que os “padrinhos” validados pelo CEFLURIS o foram também, numa “cascata” de “curas” e formação de “xamãs” (expressão mais aceitável do que pajés, em certa cultura nova-era...): como resultado, esta passou a ser a versão oficial do Cefluris e, por extensão, em um viés de análise, a descrição da “doutrina do santo daime”, confundindo-se acadêmica e publicamente com a doutrina daimista.

Mais adiante, o velho Mota propôs a abstinência sexual absoluta aos integrantes do CEFLURIS, além de restrições comportamentais continuadas (no tocante a práticas alimentares e hábitos de cuidado pessoal), como suposto requisito imprescindível de salvação, tentando implantar a prática de tabus permanentes entre os seus seguidores – o que passou a também parecer atributo da doutrina daimista.

E, no tocante ao catolicismo popular, Sebastião Mota de Melo fortaleceu o culto aos santos (a começar por si próprio, dada sua crença pessoal em ser a “reencarnação de João Batista”), validou a “missa das seis horas” (com um conjunto de hinos cantados

4 A menção ao Cefluris aqui é necessária menos para avaliar como esta instituição trabalha e mais pelo fato de, em virtude de seu espraiamento por todo o Brasil e outros países, ter tido importância capital na construção da imagem da doutrina daimista, junto a especialistas e à opinião pública não especializada.

todos os dias às 18:00, a “oração do Padrinho”) e praticamente instaurou a romaria devocional ao aceitar a “Colônia 5.000” e depois o “Céu do Mapiá” como local de devoção a ser visitado por todos aqueles que o seguissem.

Mesmo sua admissão de objetos de culto na mesa de serviço (retratos, pedras, objetos variados ou imagens) é própria do catolicismo popular – embora nunca tenham estado presentes nos rituais doutrinários tais quais revelados e ensinados por mestre Irineu.

A incompreensão sobre a importância da doutrina – Como resultado, então, da versão continuamente reafirmada de uma suposta influência do catolicismo popular, das práticas de pajelança e de outras doutrinas ou religiões na formação da doutrina daimista, perdeu-se a percepção de ela ter sido, desde o seu início, uma proposta original de culto mariano por meio de revelações privadas de Maria, Mãe de Deus (e não apenas uma colcha de retalhos composta por tradições distintas), em um sistema de crenças essencialmente cristão e conforme ao que se cria e vivia nos primeiros séculos da cristandade – antes, portanto, da institucionalização do cristianismo e seu conseqüente rompimento com as crenças e tradições até então vigentes e predominantes, entre elas a da reencarnação.

Não por outra razão, na redação do “O MENSAGEIRO” foi adotado um extenso uso de trechos do Antigo e do Novo Testamento, para atestar o estreitíssimo paralelismo entre a doutrina daimista e a Escritura – e só a Escritura, já que no tocante aos principais postulados de outras doutrinas (africanas, kardecista, orientais etc.), a doutrina diverge com clareza e não aceita mesclas, se o que se pretende é pureza doutrinária.

A meu ver, então, e finalizando este pequeno estudo, parece-me que ao meio desta contínua tentativa de analisar a doutrina daimista como se ela tivesse sido o resultado da justaposição de díspares crenças e práticas religiosas, entre elas o catolicismo popular e as pajelanças, se perdeu a importante percepção de a revelação da doutrina daimista, por intermédio de Raimundo Irineu Serra, Juramidam, ter sido um dos mais importantes fenômenos religiosos já ocorridos no Brasil.

Roubando dos fiéis a possibilidade de, com altivez e integridade, se afirmarem cristãos como identidade e daimistas como praticantes, ao invés de praticantes de mais uma destas religiões de certa cultura nova-era, que de nova têm apenas o nome, pois são justaposições mal costuradas de inúmeras das tradições e religiões mais legítimas da humanidade.